

RÓMULO DE CARVALHO | ANTÓNIO GEDEÃO

O HOMEM

Professor de Química e Física, poeta, investigador, historiador, escritor, fotógrafo, pintor e ilustrador,

Rómulo Vasco da Gama de Carvalho, filho de um funcionário dos correios e telégrafos, José Avelino da Gama de Carvalho e de uma dona de casa,

Rosa das Dores Oliveira Gama de Carvalho, que tinha como grande paixão a literatura apesar de contar somente com a instrução primária, nasceu a 24 de Novembro de 1906 na Rua do Arco do Limoeiro (hoje Rua Augusto Rosa), em Lisboa, na freguesia da Sé. Aí cresceu, juntamente com as irmãs, numa casa modesta e num ambiente familiar tranquilo.



A sua mãe tendo uma grande paixão pela literatura transmitiu esse sentimento ao seu filho Rómulo, assim batizado em honra do protagonista de um drama lido num folhetim de jornal. Responsável por uma certa atmosfera literária que se vivia em sua casa, é ela que, através dos livros comprados em

fascículos, vendidos semanalmente pelas casas, ou, mais tarde, requisitados nas livrarias Portugália ou Morais, inicia o filho na arte das palavras. Desta forma Rómulo toma contacto com os mestres - Camões, Eça, Camilo e Cesário Verde, o preferido - e conhece *As Mil e Uma Noites*, uma compilação de histórias reunidas durante séculos que é clássico da literatura fantástica, obra que viria a considerar uma das suas preferidas.



Criança precoce, aos 5 anos escreve os primeiros poemas e aos 10 anos decide completar "*Os Lusíadas*", de Camões. No entanto, a par desta grande inclinação

2

para as letras, quando entra para o liceu Gil Vicente, toma pela primeira vez contacto com as ciências, que despertam nele um novo interesse que se vai intensificando e se torna predominante no seu último ano de liceu.

Este facto foi decisivo para a escolha do caminho a tomar no ano seguinte quando entrou para a Universidade, pois sentia-se bastante atraído pelas ciências, especialmente pelo seu lado experimental.



E assim, enquanto **Rómulo de Carvalho** estuda Ciências Físico-Químicas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, as palavras ficavam guardadas para quando, mais tarde, surgisse alguém com o nome de **António Gedeão**.

Em 1932, um ano depois de se ter licenciado, forma-se em Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras do Porto, adivinhando, assim, a sua atividade principal durante 40 anos -

professor e pedagogo.

Começando por estagiar no Liceu Pedro Nunes e ensinar durante 14 anos no Liceu Camões, Rómulo de Carvalho é convidado a dar aulas no Liceu D. João III, em Coimbra, permanecendo aí até, passados oito anos, regressar a Lisboa, quando foi convidado para professor metodólogo do grupo de Físico-Químicas do **Liceu Pedro Nunes**, em Lisboa.



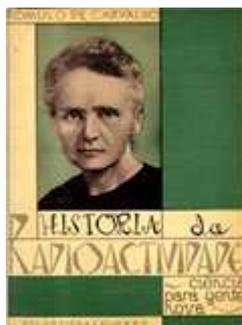
Exigente comunicador, por excelência, para **Rómulo de Carvalho** ensinar era uma paixão.



4

Tal como afirmava, ser professor *“tem de ser uma paixão, pode ser uma paixão fria mas tem de ser uma paixão. Uma dedicação.”*

E assim, além da colaboração como codiretor da "Gazeta de Física" a partir de 1946, concentra, durante muitos anos, os seus esforços no ensino, dedicando-se à elaboração de **manuais escolares**, de Física e Química.



A sua dedicação foi estendida, a partir de 1952, à difusão científica a um nível mais amplo através da coleção **Ciência Para Gente Nova e Física para o Povo**.



A dedicação à ciência e à sua divulgação e história não fica por aqui, sendo uma constante durante toda a sua vida. De facto, Rómulo de Carvalho não parou de trabalhar até ao fim dos seus dias, deixando alguns trabalhos concluídos e outros por publicar.

Apesar da intensa atividade científica, **Rómulo de Carvalho** não esquece a arte das palavras e continua sempre a escrever **poesia**. Porém, não a considerando de qualidade e pensando que nunca seria útil a ninguém, nunca tentou publicá-la, preferindo destruí-la.



Só em 1956, aos 50 anos, e após ter participado num concurso de poesia, publica o primeiro livro de poemas ***Movimento Perpétuo***.

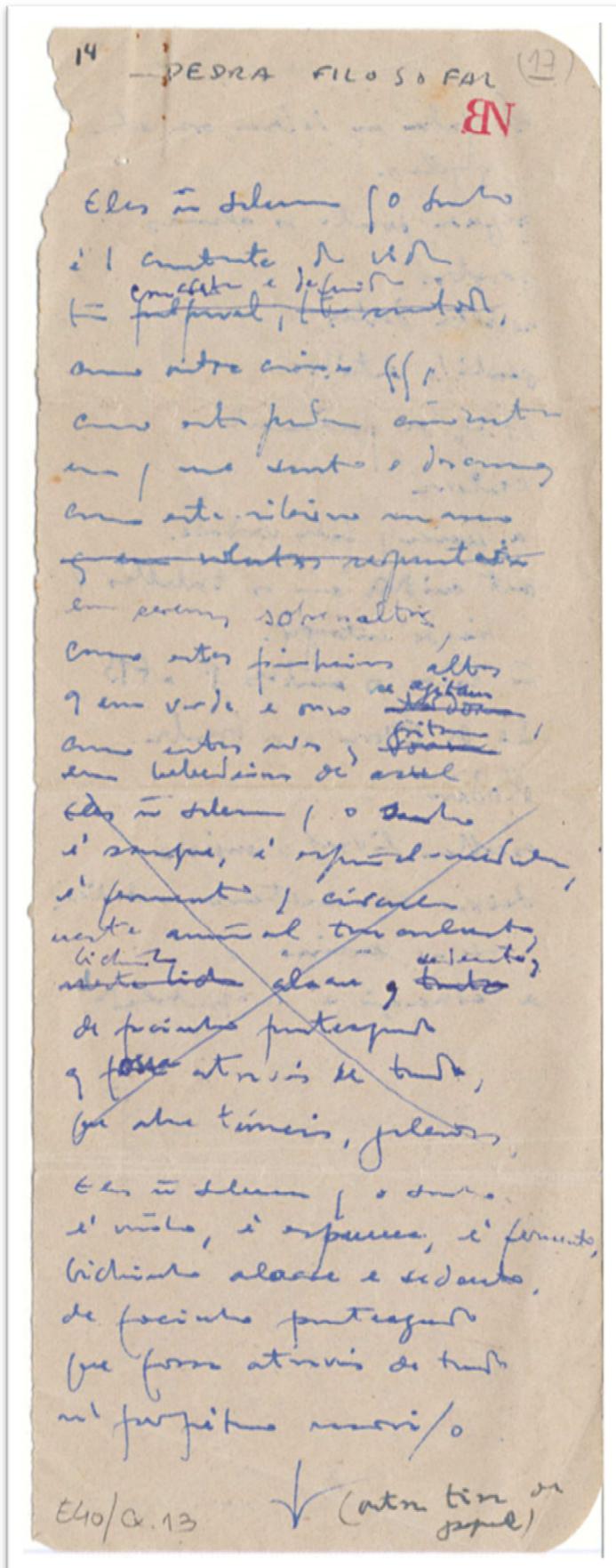
No entanto, o livro surge como tendo sido escrito por outra pessoa, **António Gedeão**, e o professor de Física e Química, Rómulo de Carvalho, permanece no anonimato.

O livro é bem recebido pela crítica e António Gedeão continua a publicar poesia, aventurando-se, anos mais tarde, no teatro e depois no ensaio e na ficção.



A obra de **António Gedeão** é um enigma para os críticos, pois além de surgir, estranhamente, só quando o seu autor tem 50 anos de idade, não se enquadra claramente em qualquer movimento literário. Contudo toda a sua obra poética leva-o a preocupar-se com os problemas comuns da sociedade portuguesa da época.

Nos seus poemas dá-se uma união perfeita entre a ciência e a poesia, a vida e o sonho, a lucidez e a esperança. Aí reside a sua originalidade, difícil de catalogar, originada por uma vida em que sempre coexistiram dois interesses totalmente distintos, mas que, para Rómulo de Carvalho e para o seu "amigo" António Gedeão, provinham da mesma fonte e completavam-se mutuamente.



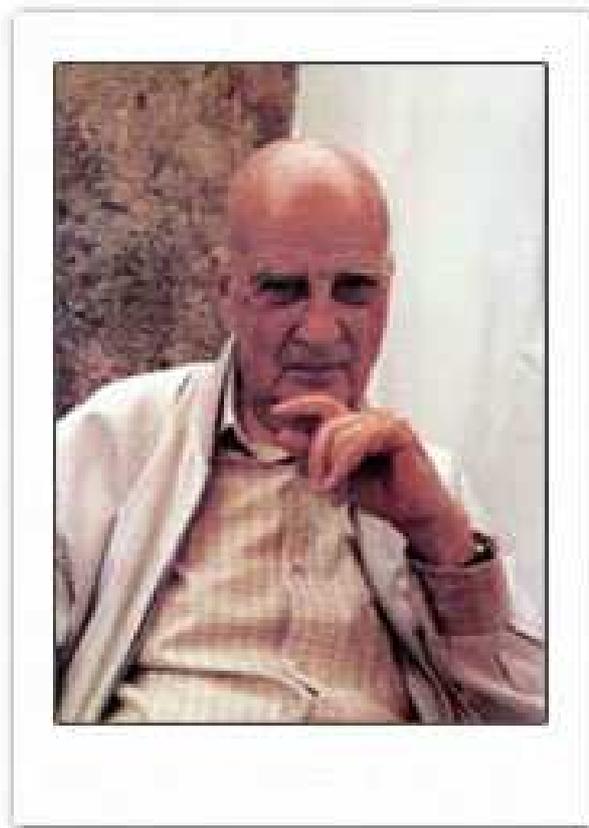
A poesia de Gedeão é, realmente, comunicativa e marca toda uma geração que, reprimida pelo regime ditatorial de António de Oliveira Salazar e atormentada pelas guerras coloniais, cujo fim não se adivinhava, se sentia profundamente tocada pelos valores expressos pelo poeta e assim se atrevia a acreditar que, através do sonho, era possível encontrar o caminho para a liberdade.

É deste modo que o poema "Pedra Filosofal", musicada por Manuel Freire, se torna um hino à liberdade e ao sonho.

O professor **Rómulo de Carvalho**, em 1974 e após 40 anos de ensino, decide reformar-se.

Incapaz de ficar parado, nos anos seguintes dedica-se por inteiro à investigação publicando numerosos livros, tanto de divulgação científica, como de história da ciência.

António Gedeão também continua a sonhar...

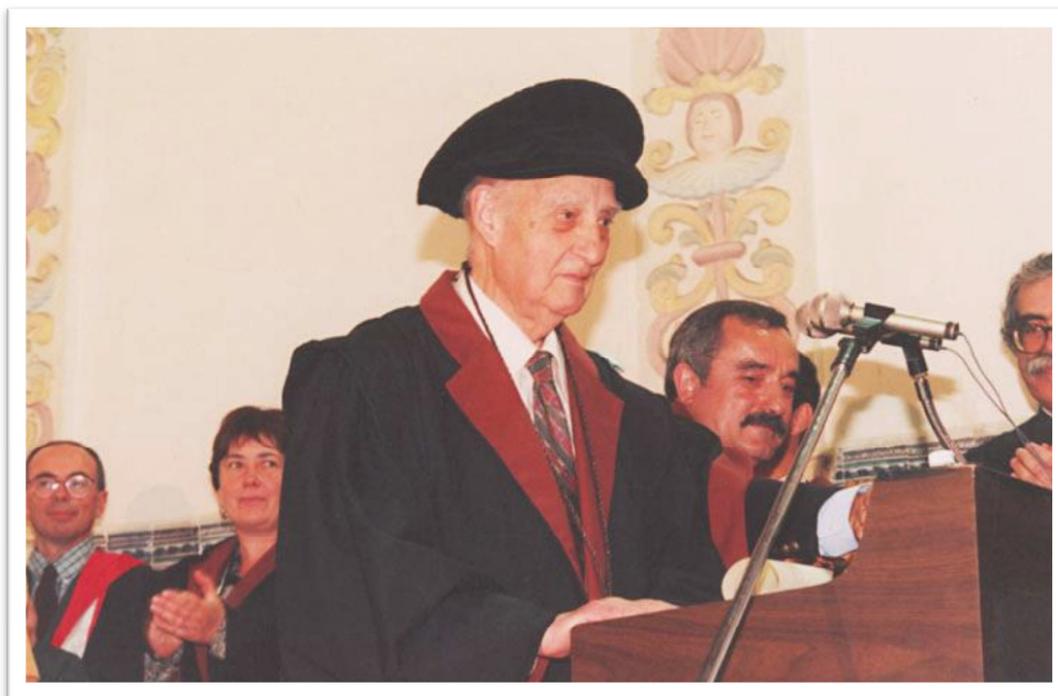


Em 1990, já com 83 anos, Rómulo de Carvalho assume a direção do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa, sete anos depois de se ter tornado sócio correspondente da Academia de Ciências, função que desempenhará até ao fim dos seus dias.

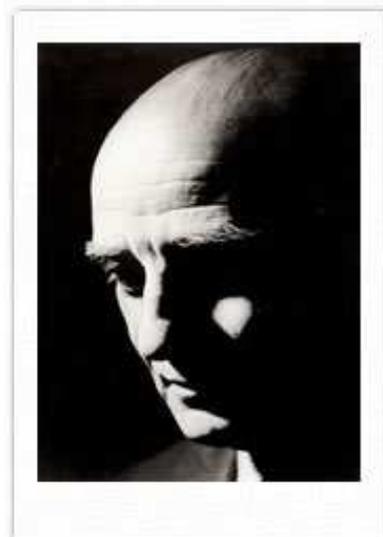
8



Em 27 de abril de 1994 o Sindicato de Professores da Grande Lisboa também lhe faz uma cerimónia de homenagem.



Quando completa 90 anos de idade, a sua vida é alvo de uma homenagem a nível nacional. O professor, investigador, pedagogo e historiador da ciência, bem como o poeta, é reconhecido publicamente por personalidades da política, da ciência, das letras e da música.



Faleceu a 19 de Fevereiro de 1997.



Rómulo de Carvalho é condecorado como ***Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública***, em 10 de Junho de 1987, pelo então Presidente da República, Mário Soares.